

2012 O ensino da museologia na perspectiva da sociomuseologia, Atas do VI Encontro de Museus de Países e comunidades de Língua Portuguesa, Comissão Nacional Portuguesa do ICOM, Lisboa, pp. 283-287

M. Moutinho, J. Primo¹

Pensar o Ensino da Museologia, obriga-nos a esclarecer em primeiro lugar, qual conceito de Museu e de Museologia que esse ensino pretende servir.

Na verdade deixou de existir um modelo único de Museu, igual à ideia de coleção, de edifício e de público, para se assumir o Museu com um lugar central dos conceitos de património (s), território e população.

Foi neste processo que as dinâmicas locais ganharam progressivamente mais relevo. A cultura, o território e as comunidades locais ganharam um novo reconhecimento como lugares de direito à memória, como lugares de produção cultural, como lugares onde a ideia desenvolvimento social e económico passou a estar no centro das políticas culturais fundamentando uma nova capacidade local de negociação política. Este processo é particularmente evidente se pensarmos que os museus nacionais ou os museus de especialidade situados nas grandes cidades deixaram de representar o essencial da Museologia, para se assistir um pouco por todo o lado ao aparecimento e reconhecimento social de museus locais, museus de vizinhança ou ecomuseus, onde a componente local (humana, patrimonial e identitária) tomou um lugar central.

Esta teia de dinâmicas sociais situa-se no centro da abordagem da Sociomuseologia, na medida em que esta traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea. A abordagem multidisciplinar da Sociomuseologia visa consolidar o

¹ Mário Moutinho é professor de Museologia, Membro fundador do Museu do Casal de Monte Redondo, membro fundador e actual Presidente do MINOM-ICOM. Coordenador até 2007 do Mestrado e do Doutoramento em Museologia na Universidade Lusófona. Tem publicações na área da Sociomuseologia. É Reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Judite Primo é licenciada em Museologia pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Museologia pela Universidade Lusófona de Lisboa, Doutorada em Educação e Património pela Universidade Portucalense. Actualmente é coordenadora do Departamento de Museologia da Universidade Lusófona e do Mestrado e Doutoramento em Museologia. Directora da Revista Cadernos de Sociomuseologia. Membro da direcção do MINOM-ICOM Portugal. Actua nas áreas da Sociomuseologia e das políticas culturais.

reconhecimento da museologia como recurso para o desenvolvimento da humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e económica.

O que caracteriza o ensino da Sociomuseologia, não é pois a natureza dos seus pressupostos e dos seus objectivos, como acontece em outras áreas do conhecimento, mas a interdisciplinaridade com que apela a áreas do conhecimento consolidadas e as relaciona com a Museologia propriamente dita.

No entanto quando pensamos um programa de formação objectivando contribuir para a formação de museólogos que possam servir uma museologia orientada para as pessoas, fácil é reconhecer que esse novo profissional necessita de uma abordagem tão nova quanto os desafios que deverá enfrentar, no quadro de uma redefinida sociomuseologia

Importa no entanto sublinhar que aquilo que actualmente se entende como Sociomuseologia não corresponde a uma ruptura com a Nova Museologia, mas em nosso entender, é de certa forma uma reformulação assente na realidade actual da museologia. Neste caso trata-se de uma abordagem multidisciplinar que sintetizámos nos seguintes termos numa proposta de definição evolutiva de Sociomuseologia:

“A Sociomuseologia traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.

A abertura do museu ao meio e a sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida, têm provocado a necessidade de elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo.

A Sociomuseologia constitui-se assim como uma área disciplinar de ensino, investigação e actuação, que privilegia a articulação da museologia em particular com as áreas do conhecimento das Ciências Humanas, dos Estudos do Desenvolvimento, da Ciência de Serviços e do Planeamento do Território.².

Para pensar o Ensino da Museologia é pois necessário esclarecer primeiro qual conceito de Museu e de Museologia que esse ensino pretende servir.

² Actas do XII Atelier Internacional do MINOM, Cadernos de Sociomuseologia nº 28-2007, Universidade Lusófona, Lisboa <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/510>

A realidade museológica em qualquer lugar, é cada vez mais complexa, pois ganhou o direito de se adaptar permanentemente aos contextos sociais em que está inserida.

Os conceitos de Ecomuseologia, de Economuseologia, de Sociomuseologia expressam diferentes formas dos museus se posicionarem no mundo contemporâneo. Também é verdade que a museologia deixou de ser um fim em si (apresentação e valorização de coleções) para ser cada vez mais um recurso de comunicação ao serviço da sociedade.

Foi neste processo, que as dinâmicas locais ganharam progressivamente mais relevo. A cultura, o território e as comunidades locais ganharam um novo reconhecimento como lugares de direito à memória como lugares de produção cultural, como lugares onde a ideia desenvolvimento social e económico passou a estar no centro das políticas culturais e não só.

Mas nesses novos museus também as pessoas mudaram a sua relação com o património, com o seu território e com a memória colectiva. Por isso esses museus estão muito mais atentos à mudança e ao hibridismo cultural, e é no quadro desse hibridismo que se fundamenta o diálogo com a identidade cultural e o sentido de pertença a uma comunidade, ou mais comunidades.

Esta museologia é o resultado das próprias transformações da sociedade assente num novo modelo de desenvolvimento que favorece a descentralização e consequente valorização dos recursos locais - humanos e naturais. A sua compressão e consequente prática obriga-nos a aprofundar uma abordagem interdisciplinar do lugar que a museologia ocupa no mundo contemporâneo.

Não podemos ignorar que os museus são cada vez mais um elemento essencial na actividade cultural em todos os países, ocupando um lugar central na educação, no lazer na construção de identidades ou no centro das questões relacionadas com o hibridismo cultural.

Os museus estão também no centro das políticas públicas e da actividade de numerosas empresas que fornecem aos museus serviços, equipamento software na crescente economia da informação e da comunicação

Que se trate de museus tradicionais que preservam e exibem as suas coleções com múltiplos propósitos, incluído naturalmente a educação e o lazer, ou que sejam sustentados conceptualmente na Sociomuseologia, e, neste sentido, alicerçados em conceitos tais como desenvolvimento, território, participação e inclusão social, em

ambos os casos, podem ser entendidos como museus prestadores de serviços. Neste sentido convém lembrar que a economia de serviços no PIB mundial representa geralmente mais de 60% ou 70% do seu valor. E os museus são uma parte deste valor.

Esta compreensão dos museus com instituições prestadoras de serviços, é em nosso entender um aspecto crucial de uma nova prática formativa, na medida em que os museus estão ainda longe de se assumirem com prestadores de serviços.

Esta abordagem multidisciplinar visa consolidar o reconhecimento da museologia como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, assente na igualdade de oportunidades e na inclusão social e económica e assenta a sua intervenção social no património cultural e natural, tangível e intangível da humanidade.

Importa referir no entanto, que a aceitação deste direito à diferença implica naturalmente também mudanças na formação daqueles que actuam nos museus. Trabalhar com as colecções ou trabalhar com os desafios contemporâneos, ou seja com pessoas, não assenta em idênticas competências, pessoais, políticas e profissionais. Se no primeiro caso estamos em presença de formações essencialmente técnicas, no segundo caso pensamos numa abordagem essencialmente no domínio das ciências sociais. Esta distinção, que consideramos da maior relevância, não é no entanto assumida pelas universidades, que na maioria dos casos assentam os seus programas em conteúdos relacionados com as colecções, as quais são assumidas como estruturantes das formações. É disto exemplo o Referencial Europeu das Profissões Museais elaborado no seio do ICTOP em 2008, onde não se encontra se quer referenciada a profissão de museólogo (!).³

No entanto quando pensamos um programa de formação, objectivando contribuir para a formação de museólogos que possam servir uma museologia orientada para as pessoas, fácil é reconhecer que esse novo profissional necessita de uma abordagem tão nova quanto os desafios que deverá enfrentar, no quadro de uma redefinida Sociomuseologia

³ Cf. Referencial Europeu das Profissões Museais, ICTOP, 2008. http://www.icom-portugal.org/multimedia/ICTOP_referencial_PT.pdf

Director/a: Colecções e Investigação Públicos Administração, gestão e logística.

Colecções e Investigação: Conservador/a, Responsável pelo Inventário, Gestor de Colecções, Restaurador/a, Assistente de Colecções, Responsável pelo Centro de Documentação, Comissário/a de Exposições, Designer de Exposições

Públicos: Responsável pela Mediação e Serviço Educativo, Mediador/a, Responsável pelo Serviço de Acolhimento e Vigilância, Técnico de Acolhimento e Vigilância, Responsável pela Biblioteca/Mediateca, Responsável pelo Sítio Web

Administração, Gestão e Logística: Administrador/a/Gestor/a, Responsável pela Logística e Segurança, Responsável pelos Sistemas Informáticos, Responsável pelo Marketing, Divulgação e Recolha de Fundos, Responsável pela Comunicação com os Media

Neste sentido, uma formação centrada numa abordagem da Sociomuseologia deverá sempre equacionar as problemáticas decorrentes do alargamento da noção de património, e a consequente redefinição de "objecto museológico", a ideia de participação da comunidade na definição e gestão das práticas museológicas, a museologia como factor de desenvolvimento, as questões de interdisciplinaridade, a utilização das "novas tecnologias" de informação e a museografia como meio autónomo de comunicação.

Mas tão importante quanto as orientações e abordagens que cada um destes temas encerra, é o sentido de comprometimento que em cada aula ou seminário ou estágio é assumido por parte dos alunos e dos docentes.

Longe vai o tempo em que era consensual a composição curricular de um curso de museologia.

O museu é hoje um fenómeno muito mais complexo do que se imaginava nos anos 60. Para compreendê-lo criticamente não é mais suficiente reduzi-lo ao papel de legitimador dos interesses das classes dominantes, ainda que esse papel continue sendo desenvolvido por muitas instituições. O fato é que ao lado dos museus de grandes narrativas, desejosos de grandes sínteses, constituíram-se museus de narrativas modestas, museus de outras narrativas, actuantes e inovadores. Narrativas modestas, mas com potência discursiva e capacidade de promover novas possibilidades de identificação, de igualdade de oportunidades e de inclusão social e económica. Em suma, narrativas ancoradas nos contextos sociais que lhes dão vida e que em última instância com os seus próprios meios e entendimentos, visam o melhoramento da condição humana.

Assim, pensar o ensino da museologia numa perspectiva da Sociomuseologia, obriga-nos pois a esclarecer em primeiro lugar qual o **conceito** de Museu e de Museologia que esse ensino pretende servir.